

## “ERA VEZ UM HOMEM E O SEU TEMPO”: USOS E POSSIBILIDADES DA FENOMENOLOGIA SOCIOLOGICA NA ANALISE DA MÚSICA DE BELCHIOR

Ângelo Felipe Castro Varela<sup>1</sup>

**RESUMO:** Esse presente artigo baseia-se numa proposta de pesquisa para o doutorado sobre a música do cantor e compositor cearense Belchior, animado pela proposta teórica da fenomenologia sociológica de Alfred Schultz, vertente que expõe a relação sociedade-indivíduo enquanto experiência dos sujeitos em suas contingências temporais e culturais. Pretendemos mostrar aqui como a fenomenologia sociológica pode ajudar no desvelamento dos interesses e propósitos de um artista em sua obra se da no condicionamento e no conflito com valores, códigos de cultura, em dado espaço e tempo.

**Palavras-chave:** Fenomenologia Sociológica, Belchior, Música.

**ABSTRACT:** This present article is based on a research proposal for the doctorate on Belchior's music, inspired by sociological phenomenology of Alfred Schultz's proposal, that exposes the relationship between society and individual experience as the subjects in their temporal contingencies and cultural. We intend to show here as the sociological phenomenology can help in unveiling the interests and purposes of an artist in his work is the in conditioning and in conflict with values, culture codes in a given space and time.

**Keywords:** Sociological Phenomenology, Belchior, Music.

A arte em geral se constitui em uma catalisadora, dos desejos, sentimentos, expressões, visões de mundo, percepções e vivências individuais daqueles que a operam; retrato e diagnose do drama, angústias, planos, projetos, querereres, vontades e significados de viver e se relacionar, consigo e com o mundo. Nesse mesmo ínterim, a arte também é uma atividade social, portanto, objeto de estudo sociológico, uma vez que esta também está condicionada pelo ambiente normativo, social e reflete valores de uma época, premissas e códigos de uma organização social, posto que como qualquer membro de uma sociedade, o artista também lida com os padrões e os dilemas das coletividades em que desenvolve sua obra.

Mas o sujeito-artista é bastante diferenciado em sua forma de inserção e vivência social, pois sua atividade não pode ser apenas determinada pela realidade a qual pertença,

---

<sup>1</sup> Professor substituto no curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. E professor contratado nas Faculdades INTA, na cidade de Sobral, CE (angelovarela@ig.com.br).

sendo esta amiúde uma proposta individual de reconstrução, reinvenção do repertório de práticas e dos padrões de relacionamento, dos valores da própria sociedade. O artista a promove, no âmbito de sua fruição, mudança nos modelos da expressividade e criação estética, sugerindo assim que seus modelos de expressão artística como modelos de vivência social. O meio social, como o meio físico, como afirma Candido (2000) vai se constituir em tema para inspiração ao artista, elemento externo que somado a dinâmica dos planos e interesses deste, produzem e compõem a obra de arte.

Esse artigo baseia-se numa proposta de pesquisa para doutorado e assume a música como expressão artística a ser estudada, para mostrar essas conexões entre o sujeito-artista e a ordem social no qual essa arte se manifesta e interage. Essa arte sempre fez parte de minhas experiências pessoais, principalmente como fator de reunião e sociabilidade, sendo um motivo de relacionamento e interação com pessoas e grupos, pois a música traduz minhas aspirações, concepções de mundo, convicções e princípios que norteiam minha conduta e compõe minha identidade e ser. Por sua vez, como afirma a arte musical, enquanto expressão estética constitui-se em possibilidade explicativa de um dado período histórico, bem como das condições sociais que produzem essas formas estéticas.

Dentre os vários gêneros tenho bastante apreço pelo pop rock, fruto igualmente das minhas experiências juntamente com outras pessoas, de apreciação dessa música, principalmente durante minha formação na universidade, afeiçoei-me em especial a música de Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes, mais conhecido como Belchior, músico e compositor cearense e um dos maiores nomes da MPB, tendo despontado em meados da década de 70, juntamente com outros artistas contrerâneos, como Ednardo, Fagner, Rodger Rogerio, Têti, Amelinha e outros, que ficaram conhecidos na imprensa do sudeste como “O Pessoal do Ceará”.

O movimento artístico “Pessoal do Ceará” se mostra como uma vertente do Movimento Tropicalista, ou Tropicália, vanguarda cultural surgida na década de 60, representado por ícones como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé, Rita Lee, Chico Buarque, entre outros por artistas que misturavam gêneros musicais tidos como nacionais (samba, baião, frevo) com os gêneros considerados estrangeiros (rock, soul, funk, blues, jazz). A Tropicália, como pretendiam seus expoentes, aparecem como desdobramento dos Modernistas da Semana de 1922, em sua vertente antropofágica (absorver o que há de melhor

em elementos culturais estrangeiros e incorporá-los aos elementos culturais nacionais existentes), construindo assim outra imagem sobre a nação e cultura brasileira.

Mas porque escolher Belchior? Acredito que Belchior, além de ter sido o nome de maior projeção nacional do movimento Pessoal do Ceará é o artista mais singular dentro dessa subtendência tropicalista, pois suas canções variam entre influências regionalistas, do baião, repente, forró, misturado ao folk, bossa, blues e pop rock. Suas composições aludem a paisagem física e social do cotidiano nordestino, ao caráter das mudanças institucionais, da conjuntura política da época (ditadura militar) e buscam uma apologia pelo reconhecimento de uma latino-americanidade, como uma utopia social de uma outra e possível existência social brasileira. Suas canções aparecem como um projeto estético-político diante das circunstâncias em que o artista aparece no cenário musical brasileiro, em meados da década de 70, quando o país atravessava uma ditadura que suprimia liberdades civis e políticas, censurou e perseguiu as produções culturais e artísticas que questionavam as ações e medidas do autoritarismo governamental.

Desse modo, a música de Belchior se constitui em um reflexo, mas uma reação ao contexto político e institucional da época, mas suas letras e composições vibram em torno destes mesmos dramas vivenciados em certos intervalos de sua trajetória como indivíduo/artista. Eis aí a importância da fenomenologia sociológica pode ser importante para analisar como a o artístico e biográfico como entes indissociáveis que expõem através da noção de experiência o sujeito e sua arte como sendo modelados pelas suas contingências históricas e culturais, mas em reação a estes condicionantes, dada a intenção do autor em buscar reinventar, redefinir-se como agente social e individual.

A fenomenologia sociológica, enquanto corrente da teoria social foi desenvolvida pelo austríaco, naturalizado americano, Alfred Schultz (1899-1959), que acreditava no método fenomenológico desenvolvido por Edmund Husserl no campo da filosofia, teria aplicação sociológica. A fenomenologia sociológica defende que o estatuto existencial da realidade social e cultural, se dá pelos esquemas preexistentes de conhecimento (sociais, culturais) internalizados e modificados constantemente pelas experiências das consciências individuais (fenômeno), que imbuídas de intencionalidade (princípio cognitivo e psíquico pelo qual o indivíduo percebe os objetos da realidade; essência da consciência) percebe e intui a realidade. Sendo assim não se trata de desconfiar da ontogenia da realidade social exterior,

mas apenas interessa compreender como essa realidade é apreendida e mantida como conhecimento por cada indivíduo.

Estendendo o emprego desse método, a análise da natureza do conhecimento e do ser social, Schultz entende que a sociedade e indivíduo só existem, enquanto interpretação, compreensão e significação que parte da ação/conduita individuais. A sociedade existe porque os indivíduos a percebem, apreendem, significam (por meio da linguagem e de suas tipificações) e vivem-na, ao mesmo tempo de modo particular (mundo da vida). Por sua vez o indivíduo só se constitui física, social, mentalmente ao entrar em contato, de forma intersubjetiva com as estruturas sociais e das instituições exteriores aos sujeitos. Desse modo, ele ratifica que regras, normas, códigos culturais só existem, na medida em que os indivíduos participam por meio da atividade mental, cognitiva e consciente, interpretando-os e transmitindo-os intersubjetivamente, intuindo e participando dos múltiplos domínios da vida em sociedade (reinos da experiência, segundo Schultz).

Cada domínio social (religião, arte, ciência) encerra um repertório de valores, premissas, códigos, que modelam e são modelados pelo comportamento, conduta, interpretação e vivência interindividual. Destarte, cada domínio social só pode ser apreendido/compreendido por meio da trajetória individual de cada sujeito (situação biográfica), a qual denota os planos, as estratégias e os interesses individuais que atendem pela seleção, escolha e operacionalização da “matéria-prima” das informações e saberes, construídos e transmitidos socialmente. A fenomenologia apresenta a cultura como experiências individuais orientadas pelo interesse dos sujeitos que compartilham total/parcialmente das tradições e convenções de um grupo. Sendo assim, não existe uma dada imagem ou concepção “pura” do ser cultural (ser nordestino, ser brasileiro, por exemplo), uma vez que a vivência, experiência humana em sociedade se dá pelas trocas e mudanças constantes de valores, normas, hábitos e costumes.

Desse modo, as escolhas estéticas de Belchior são ao mesmo tempo influências, mas decisões pessoais orientadas pelo objetivo de sugerir uma nova utopia social (política) que remete a diversos espaços e sujeitos (o sertão, a cidade, a nação, o brasileiro, o nordestino, o indígena, o negro, o branco, o jovem) em uma nova e ampla síntese identitária e cultural, como quer o próprio autor, latino-americana. Aplicando a chamada redução fenomenológica podemos abordar os elementos recorrentes na prática dos sujeitos aparecidos existentes, segundo Schultz podem ser tomado como fragmentos da experiência, pois tais aspectos

demonstram não exatamente aquilo que corresponde o exterior, mas as contradições e ações do sujeito frente ao universo social que pertence.

Em seus primeiros álbuns (Mote e Glosa 1974, Alucinação 1976), Belchior endereça uma crítica às paisagens e ao cotidiano do Nordeste, as imagens do progresso tecnológico e sua territorialidade nas grandes cidades, o fascínio por essa urbanidade, como saída material, social para o conservadorismo social das instituições do cotidiano social nordestino (a família patriarcal). Canções como “Rodagem”, “Na Hora do Almoço” e “Todo Sujo de Batom” expressam a busca pela ruptura social e individual com o modo de vida paterno-familiar e a constituição de um novo sujeito social, indivíduo, artista, pela via da construção de seu projeto estético-social:

“No meu gibão medalhado/ o peito desfeito em pó, sob o sol do sertão/ passo poeira, cidade, saudade, janeiro e assombração, meu deus aí que légua, eh mundão/ me larguei nessa viagem qual será a rodagem pro seu coração – Rodagem – Mote e Glosa – 1974

“Eu ainda sou bem moço pra tanta tristeza/deixemos de coisa, cuidemos da vida/senão chega a morte, ou coisa parecida e nos arrasta moço sem ter visto a vida, ou coisa parecida – Na Hora do Almoço – Mote e Glosa 1974

“Eu estou muito cansado/ com o peso da minha cabeça/nesses 10 anos passados, presentes vividos/entre o sonho e o som/ Eu estou muito cansado de não poder falar palavra/sobre essas coisas sem jeito, que eu trago em meu peito/e que eu acho tão bom – Tudo Sujo de Batom – Mote e Glosa 1974.

A “antropofagia” belchiorana migra para a cidade, procurando romper com essa distância geográfica e simbólica, na busca por um novo ser e sociedade. Esse nova etapa em seu projeto estético-social aparece de forma mais intensa no álbum que lhe consagraria no cenário musical brasileiro (Alucinação 1976), onde sucessos como “Como Nossos Pais”, “Velha Roupas Coloridas”, “Apenas um Rapaz Latino-Americano”, “Fotografia 3x4,” “A Palo Seco” o autor mostra, com maior vigor sua meta artística de propor uma nova utopia política e social, que passa não só pela recusa ao período ditatorial, mas pelo conjunto das instituições sociais vigentes em sua época (a ideologia da prosperidade material, financeira, o consumismo) bem como os projetos de luta e militância político-ideológica de sua juventude em resistir politicamente a ditadura brasileira (guerrilha socialista, movimento hippie):

Tenho ouvido muitos discos, conversado com pessoas/caminhado meu caminho, papo som dentro da noite/ e não tenho, nem sequer/quem acredite nisso nap, tudo muda/e com toda razão/não me peça que eu lhe faça uma canção como se deve, correta, limpa suave muito limpa, muito leve/sons, palavras, são navalhas/e eu não posso cantar como convém/sem querer ferir ninguém/mas não se preocupe meu amigo/com esse horrores que eu lhe digo isso e somente uma canção/ a vida

realmente e diferente, quer dizer/ao vida e muito pior – Apenas um Rapaz Latino-americano – Alucinação – 1976

Não quero lhe falar meu grande amor/ das coisas que eu ouvi nos discos/quero lhe contar como eu vivi e tudo o que aconteceu comigo/viver e melhor que sonhar/ eu sei que o amor e uma coisa boa/ mas também sei que cada canto e menor do que a vida de qualquer pessoa/por isso cuidado meu bem/há perigo na esquina, na rua/eles venceram e o sinal esta fechado pra nos que somos jovens/minha dor e perceber que apesar de termos tudo o que fizemos/ainda somos os mesmos e vivemos/ainda somos e vivemos como nossos pais – Como Nossos Pais – Alucinação – 1976.

Você não sente e em vê/ mas eu não posso deixar de dizer meu amigo/que uma nova mudança em breve vai acontecer/ e o que algum tempo era jovem e novo, hoje e antigo/e precisamos todos rejuvenescer/nunca mais meu pai falo: “ She’s leaving home”/e meteu o pé na estrada “like a rolling stone”/ nunca mais eu convidei minha menina/ pra correr no meu carro, loucura, chiclete e som/nunca mais você saiu a rua em grupo reunido/o dedo em V, cabelo ao vento, amor e flor quero cartaz/ no presente, mente e corpo são diferentes/ e o passado e uma roupa que já não nos serve mais – Velha Roupas Coloridas – Alucinação – 1976

Eu me lembro muito bem/do dia que eu cheguei/jovem que desce do norte pra cidade grande/ os pés cansados e feridos de andar léguas tirana/ a noite dia me ensinou a amar mais o meu dia/ e pela dor eu descobri o poder da alegria/ e a certeza de que tenho coisas novas, coisas novas pra dizer/a minha historia e talvez, e talvez igual a tua/ jovem que desceu do norte e no sul viveu na rua/e ficou desorientado, como e comum no seu tempo/e ficou desapontado como e comum no seu tempo – Fotografia 3x4 – Alucinação – 1976

Se você vinher me perguntar por onde andei/ no tempo em que você sonhava/de olhos abertos lhe direi/amigo eu me desesperava/sei que assim falando pensas que esse desespero e moda em 76/e eu quero e que esse canto torto, feito faca corte a carne de vocês – A Palo Seco – Alucinação- 1976.

É essa proposta estética que Belchior absorve pela elaborar a crítica de seu tempo, pois suas canções alertam que nenhuma revolução, ou guerrilha, são saídas exitosas para a reconstrução de um “novo homem, um novo tempo, um novo brasileiro, um novo Brasil” se isso não passar por uma revolução na própria cultura, na mudança substancial das estruturas sociais, no âmago das instituições morais que regulam o cotidiano social brasileiro. O compositor cearense parece distanciar-se das utopias de sua geração e embarca na construção de seu projeto estético-social, em busca de um ser, uma existência social brasileira, refundada sob a insigne latino-americana.

As alusões mais presentes de sua obra a defesa de uma latino-americanidade, como meta e processo de (re)construção do sujeito social aparece em seu quinto álbum de estúdio, (Era Uma vez um Homem e o seu Tempo, Ou “Medo de Avião”, 1979). Belchior mostra com maior nitidez sua adesão ao seu projeto de reconstrução pessoal pela defesa de uma identidade mais ampla e regional. As letras vêm com referências a América do Sul, suas etnias e história, soberania nacional, elementos culturais considerados estrangeiros e a defesa de sua absorção

livre “antropofágica”, como meio para a construção dessa nova cultura (sociedade) brasileira, imersa e constitutiva de uma “latino-americanidade”. Canções como, “Retorica Sentimental” “Conheço meu lugar” “Voz da América” expressam bem esse sentimento comunitarista em relação a América Latina:

Moro num lugar comum/longe daqui, chamado Brasil/feito de três raças tristes, folhas verdes de tabaco/do guaraná, guarani/alegria, namorado/alegria de Ceci/manequins emocionadas são touradas de Madrid/que em matéria de palmeira/ainda tem o buriti pepido/símbolo de nossa adolescência/símbolo de nossa inocência índia, sangue tupi/e por falar no sabia, o poeta Gonçalves Dias e que sabia/sabe lá se não queria uma Europa bananeira/diga lá triste trópicos/sabia, laranjeira – Retorica Sentimental – 1979 – Era Uma Vez um Homem e o seu tempo

Não você não me impediu de ser feliz/jamais bateu a porta em meu nariz/ninguém e gente/Nordeste e uma ficção, Nordeste nunca houve/não eu não sou do lugar, dos esquecidos, não sou da nação/dos condenados, não sou do sertão, dos ofendidos você sabe bem/conheço o meu lugar – Conheço o meu Lugar – Era uma Vez um Homem e o seu tempo – 1979

El Condor passa sobre o Andes/E abre as asas sobre nos/na fúria das cidades grandes, eu quero abrir a minha voz/cantar como quem usa a mão, para fazer um pão, colher uma espiga/ como quem diz no coração/meu bem não pense em paz que deixa a alma antiga/tentar o canto exato e novo/que a vida que nos deram, no ensina/a ser cantado pelo povo/da América Latina – Voz da América – Era Uma Vez um Homem e o seu Tempo – 1979.

As referências à cultura, modos de ser, costumes e a América Latina aparecem em outras canções mais vastas de Belchior, embora isso não fosse apenas uma marca desse autor. O próprio projeto tropicalista iniciado no disco Tropicália de 1969, movimento capitaneado por Gilberto Gil, Caetano Veloso e Chico Buarque, buscou explorar gêneros musicais também conhecidos do continente (bolero, polca, tango, salsa, reggae) e sincretizar a estética musical brasileira.

Segundo Paula (2011), as referências fortes sobre a América Latina no período de 1970 a 1980 na música popular brasileira nascem da conjuntura política instável mundial, marcada pelo revanchismo geopolítico da chamada Guerra Fria, disputa entre dois modelos de organização social, o capitalismo em oposição ao socialismo, o qual se reproduziu no continente americano através dos subsequentes golpes de Estado e implante de ditaduras militares (Chile 1973, Argentina e Uruguai, 1976, Peru 1977), cuja orientação política e ideológica direcionava-se para os Estados Unidos e a resistência civil, inspirada no ideário socialista, que buscava na guerrilha urbana e rural o enfrentamento aos governos autoritários e

autocráticos instalados e nas experiências políticas que sintonizavam com o ideário socialista (Che Guevara, Augusto Sandino, Salvador Allende).

Creemos que esse contexto teve um impacto muito forte sobre a estética de Belchior, posto que provavelmente seu envolvimento com essa conjuntura marcou sua trajetória como músico e ser social; suas canções dizem muito desse momento político vivido pelo país (a ditadura militar de 64-88), o abandono do “lar” da pequena cidade, sua ida a metrópole, o fascínio por seu múltiplos modos de existência social sugeridos pela urbanidade, o contato com as “utopias” da juventude de sua época, o desalento demonstrado em relação a elas (do “yuppie”, homem de negócios, da futura sociedade de consumo ao militante guerrilheiro, socialista), fazem com que o sujeito-artista propõe um ser brasileiro renovado e harmonizado com uma identidade latino-americana. A fenomenologia ao expor esses dados através de sua produção musical, não apenas pode dar pistas e explicações plausíveis sobre o Belchior com sujeito, mas aprontar descrições sobre a sociedade nacional em dado tempo, seus dilemas, respostas e alternativas de mudança social e cultural. Segundo Ianni (2004) na ação/pensamento dos movimentos sociais, dos personagens e sujeitos, no conhecimento social, na literatura, nas artes ao longo da história da sociedade brasileira. Os acontecimentos da história nacional sempre mostra essa preocupação com uma definição do ser brasileiro, do que é peculiar ao sujeito brasileiro, tentativas de exame e taquiografia do caráter nacional. Tais concepções, segundo Octavio Ianni embutem projetos de organização social, política e cultural, utopias de construção social, regras, valores de existência social.

Sendo assim, a fenomenologia sociológica mostra que essa interpretação da obra de Belchior não é exaurível em si, mas apenas se constitui em uma leitura, entre várias possíveis de sua carreira e trajetória artística, posto que trechos e passagens de sua “literomusicalidade”, expressão cunhada por Costa (2007) para mostrar como tanto o plano musical, melódico e letra se harmonizam, se constituem em símbolos, metáforas que remetem a contradições, dilemas e planos do autor, perspectivas para sua ação diante das instituições e valores de uma época.

## REFERENCIAS

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Brasília: Editora UNB, 2000



COSTA, Nelson Barros da. (org) **O Charme dessa Nação: música popular, discurso e sociedade brasileira.** Fortaleza: Expressão Editora, 2007.

IANNI, Octávio. **A Ideia de Brasil Moderno.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

PAULA, Marcelo Ferraz. **A América Latina na musica popular brasileira: dois idiomas e um coro-canção.** IN: *Revista Darandina*. Juiz de Fora: Editora UFJF. Volume 4, Junho de 2011

SCHUTZ, Alfred. **Sobre Fenomenologia e Relações Sociais.** Petrópolis-RJ: Vozes Editora, 2012.